



NÃO BASTASSE A CRISE ECONÔMICA, ACRESCENTAMOS A CRISE POLÍTICA.



AGORA, ALÉM DOS ECONOMISTAS DE PLANTÃO, PRECISAMOS OUVIR OS CIENTISTAS POLÍTICOS.



MIRIAM LEITÃO, INFORMA: "(...) A POLÍTICA TEM PRODUZIDO UM VOLUME EXTRAVAGANTE DE FATOS DESALENTADORES NOS ÚLTIMOS TEMPOS".



HELIO JAGUARIBE ENSINA: "(...) O BRASIL, APESAR DE SEU LONGO HISTÓRICO DE PAÍS DEMOCRÁTICO, AINDA NÃO CONSEGUIU CONSOLIDAR UM SISTEMA PARTIDÁRIO RESPONSÁVEL".



CURIOSO BRASIL Não bastasse a crise econômica, acrescentamos a crise política. Agora, além dos economistas de plantão, precisamos ouvir os cientistas políticos. Miriam Leitão, em sua coluna do jornal *O Globo* (8/3/09) nos informa que "(...) a política tem produzido um volume extravagante de fatos desalentadores nos últimos tempos. Nisso, a longa sessão do Senado em torno do senador Jarbas Vasconcelos foi um alento: o discurso e alguns dos apertes tinham o tom raro da sensatez simples e direta".

DESVIOS Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* (8/3/09), o professor titular de sociologia da USP, José de Souza Martins escreveu: "(...) o discurso do senador Jarbas Vasconcelos pode soar como o réquiem da Nova República (...) que nasceu mutilada porque filha de desvios históricos de uma composição política inevitável, mas traiçoeira, justamente com as forças que deram sustentação política ao regime autoritário". Martins diz ainda que "(...) Na recusa das diretas, falou a perversa e oculta alma que há no Parlamento, a dos político que representam um Brasil que teimamos ignorar, em que o povo vota em José e elege João, como lembrou o senador".

FALTA CONSISTÊNCIA Sobre o tema, o jornal *O Estado de São Paulo*, entrevistou o cientista político Helio Jaguaribe, que afirmou faltar aos partidos consistência programática e à legislação, regras firmes. Para Jaguaribe, estas duas brechas abrem espaço no país para a eleição de corruptos e a política de clientela. Jaguaribe diz ainda que "existe mais gente corrupta que se elege do que eleitos que se corrompem". Isso significa dizer que os corruptos procuram proteger-se através de um cargo eletivo. Eles buscam imunidade através do mandato.

CLIENTELISMO O professor Hélio Jaguaribe diz ainda que "a decomposição que ronda a vida política brasileira é o sistema partidário "(...) os partidos brasileiros não têm uma verdadeira realidade, quer dizer, não são reconhecidos pela opinião pública por suas diretrizes e as especificidades do seu programa: o eleitor vota não por convicção política e sim por motivações pessoais". Isso ajudaria a compreender o PMDB,

"(...) uma mera agregação de candidaturas, sem nenhuma definição própria; o veículo patente da política de clientela".

LEGISLATIVO E EXECUTIVO Segundo o decano Helio Jaguaribe, "(...) somente a partir de uma nova legislação e uma nova cultura política poderemos conduzir o Brasil a um sistema partidário representativo, programático e dotado de estabilidade; só assim, fatores como corrupção ficarão reduzidos a um nível muito menor do que hoje em dia". Para tanto, ele avisa, não basta a intenção do Legislativo. Neste caso, o papel do Executivo é decisivo.

ATRAVESSADOR DE VERBAS Em seu discurso, o senador Jarbas Vasconcelos foi contundente: "(...) o exercício do poder não pode ser transformado num balcão de negócios" e emendou "(...) o parlamento não pode continuar sendo um mero atravessador de verbas públicas, com emendas liberadas às vésperas das votações que interessam ao governo".

RESPONSÁVEL Aos 85 anos, o professor Helio Jaguaribe nos ensina: "(...) o Brasil, apesar de seu longo histórico de país democrático, ainda não conseguiu consolidar um sistema partidário responsável e, portanto, apropriado para gerir uma democracia. Nossos partidos são legendas que os políticos põem e tiram como quem põe e tira uma camisa".

POLÍTICAS PÚBLICAS Miriam Leitão, em entrevista com os cientistas políticos Bruno Speck, da Unicamp e o economista político Alexandre Marinis, da Mosaico, conclui que "(...) o combate à corrupção será como a erradicação da pobreza, ou a proteção ao meio ambiente: será feito com uma série de políticas públicas, e não com uma reforma ... um dos passos será mudar a forma de fazer e executar o Orçamento".

OCUPAÇÃO E TRIBUTOS No meio deste debate, vale lembrar Adam Smith (1723-1790), e seu livro *A Riqueza das Nações*. Ao defender o livre comércio ele compara a colonização dos EUA e a da América do Sul. Na visão de Smith, enquanto a América do Norte foi construída à base de produção e lucros a América do Sul se fez de ocupação e tributos. Serão estas as raízes da nossa cultura política?